

DOCUMENTAL
 O GLOBO
 2/7/72 Pg 41
 25

Vilas Boas só têm um sonho: a cena da paz com os Krain-a-Kore

RIO PEIXOTO DE AZEVEDO, Mato Grosso (De Etevaldo Dias e Pedro Martinelli, enviados especiais) — Os irmãos Cláudio e Orlando Vilas Boas já estão imaginando a cena: os Krain-a-Kore surgem no alto de umas pedras, à margem do rio Peixoto de Azevedo, observam rapidamente o acampamento dos brancos e somem na mata. Por alguns dias o episódio se repetirá, até que eles decidam apanhar o primeiro presente, dando uma demonstração de que aceitam o diálogo.

ram restos de caçadas do ano passado. Os integrantes da expedição foram os primeiros civilizados

a chegar às margens do Rio Peixoto de Azevedo, onde armaram seu acampamento ao lado do que era ocupado pelos

soldados do 9º Batalhão de Engenharia de Construções.

Muita gente

A maior preocupação de Cláudio, ao chegar lá, era o excesso de gente que criculava na área: além dos soldados do 9º BEC outros 25 homens estavam, a 20 quilômetros de distância, fazendo um trabalho de desmatamento para abrir um caminho de serviço.

O fato que mais atrapalhou os planos de pacificação ocorreu no dia 25 de maio, quando o trabalhador Aureliano Bispo de Oliveira, depois de flechado três vezes pelos Krain-a-Kore, reagiu a tiros, deixando ferido um deles. Na noite daquele dia, Cláudio, muito preocupado, nem dormiu: sabia que os índios gigantes, arredios por natureza, levariam muito tempo para esquecer o incidente.

Três dias antes eles haviam chegado perto do acampamento, mas fugiram em pânico quando se aproximou, para o pouso, um DC-3 do Correio Aéreo Nacional. Na fuga deixaram flechas, bordunas e farnéis com milho assado. Outra preocupação de Cláudio era o índio baleado e sem socorro médico na mata.

Depois disso, os homens do 9º BEC viveram dias nervosos, temendo um ataque dos índios: armaram trincheiras, e, à noi-

te, ficava sempre alguém acordado; de plantão.

Primeiro sinal

O primeiro sinal de paz surgiu há um mês. Num jirau de presentes deixado por Vilas Boas, a 600 metros do acampamento, os Krain-a-Kore recolheram tachos, facões, machados, enxadas e colares, apesar de terem quebrado, a bordunadas, todos os espelhos que encontraram. Eles deixaram claro que não gostavam de ver seu rosto refletido no vidro do espelho.

Cláudio entendeu que queriam a paz, pareciam ter esquecido o incidente, ainda mais porque logo depois encontrou uma borduna deixada por eles, num sinal de retribuição aos presentes recebidos. Vinte dias depois voltaram a apanhar os presentes, menos uma boneca negra: o negro, para eles, simboliza a guerra, a morte. Desta vez deixaram mais lembranças: uma batata-doce, um cocar feito na hora, com pena de jacu, um farnel (feito de cipó) com espigas de milho, e muito amendoim, produto de suas rocas.

Cláudio recolheu os presentes dos índios e deixou outros. Agora, espera que o "namoro" evolua. Está na expectativa do dia em que os Krain-a-Kore surgirão no alto das pedras, dispostos, afinal, à aproximação com os brancos.